





Helena Rodrigues

VIDA  
FRÁGIL

*Conseguirá uma amizade sobreviver  
à perda de um dos membros?*



**Título Original:** Vida Frágil

**Autora:** Helena Rodrigues

Copyright © Helena Rodrigues

Copyright © Editora Nova Geração

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto

**Edição:** Iara Andrade

**Revisão:** Rita Félix

**Coordenação de Marketing:** Iara Andrade

**Diagramação:** Tânia Roberto

**Imagen Interior:** Freepik

**Design de Capa:** Ana Guedes

**Imagen de Capa:** Freepik

**Marketeer:** Ana Margarida Caçador

**1º Edição:** maio de 2024

**Acabamento/Impressão:** Ulzama - Gráfica

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://Instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://Facebook.com/editoranovageracao)

**Depósito Legal:** 531955/24

**ISBN:** 978-989-9166-60-8



*Para todos os Cam's, que os vícios não vençam nunca mais.*



# Playlist

“Crave” – Nicolina  
“Single in September – Acoustic” – Zolita  
“Tell Me About Tomorrow” – Jaden Hossler  
“Dancing with the Devil” – Demi Lovato  
“Pressure” – Candelion, Le June  
“In the Stars” – Benson Boone  
“Consume” – Chase Atlantic feat. Goon Des Garcons  
“twin flame” – Machine Gun Kelly  
“die first” – Nessa Barrett  
“Moonlight” – Chase Atlantic  
“Even in the Dark” – Jaden Hossler  
“lonely” – Machine Gun Kelly  
“Wyden Down” – RIOPY  
“Wasted” – Demi Lovato  
“Malibu Nights” – LANY  
“Lifts” – Lia Marie Johnson

# Gatilho

Depressão, luto, abuso de substâncias e morte.



# PRÓLOGO

O Cam jurava ser imortal. Não cruzava os dedos, nem fazia promessas sinistras, mas esforçava-se sempre para nos descansar. Tanto se esforçou que o destino lhe pregou uma partida. Isto é, se é que posso considerar a sua morte uma “partida”.

O asfalto arrefecia à medida que o dia abrasador se aproximava do fim, e o seu corpo foi de encontro ao alcatrão do parque de estacionamento. Não que eu tenha estado lá, deixara de estar há muito tempo.

A culpa consumiu-me quase de imediato quando um polícia encorpado se interpôs entre mim e o corpo abandonado do meu melhor amigo. Estava coberto por um lençol branco. Um maldito lençol branco. Um símbolo que não precisava de explicações. Era óbvio o que tinha acontecido.

Chamei por ele. Gritei o seu nome, exigindo que acordasse do sono profundo e eterno, para me dar as respostas pelas quais ansiava. Aquilo não podia acabar assim. Não passáramos meses numa luta incansável para ser este o desfecho.

Mas o Cam não abria os olhos. Não me dizia “*Desculpa, Cy*” e não respirava.



## PRESENTE

O primeiro dia de inferno foi quando recebi a chamada sobre a morte do Cam. Chegar ao parque de estacionamento, ver o corpo inerte coberto pelo lençol branco, a ambulância à espera para o transportar... O segundo foi quando vi o seu corpo no funeral.

Todos os outros dias têm sido apenas uma continuação do pesadelo que não tem fim.

Quatro anos depois, ainda sou assombrado pelo seu sorriso. Aquele que nunca o abandonava. Sonho noites a fio com as gargalhadas e os vídeos parvos que partilhávamos. Chamo por ele, alto e em bom som, apenas para despertar no vazio. No silêncio.

Acordo com chamadas perdidas no telemóvel, todas da minha mãe. Sei que está preocupada. Visita-me todos os meses, mesmo estando do outro lado do país. Quero poder dizer-lhe que estou bem, que estou melhor, mas a ausência do Cam trouxe ao de cima o pior de mim. Transformou-me no pior filho e amigo que poderia ser.

Hoje, no entanto, ao contrário do que é habitual, não consegui atender o telemóvel, porque hoje... hoje o Cam faria vinte e três anos. Hoje seria um dia especial. Iria até casa dele e passaríamos a tarde na piscina. Colocaríamos música de fundo, talvez gravássemos uns vídeos aleatórios, como ele tanto gostava de fazer. Quem sabe fumássemos um pouco. Comeríamos tudo o que nos apetecesse e acabaríamos a noite na cidade, num dos muitos bares que lá existem.

Mas nada disso vai acontecer.

Talvez passe pelo cemitério. Tenho por hábito ir lá todas as semanas e esta semana será já a quarta vez. Não me consigo obrigar a dizer adeus, continuo a adiá-lo.

Sento-me na sua campa e olho para a lápide. Às vezes falo com ela, outras apenas observo o que lá está escrito.

“Cameron Phillips.” Dezanove, é a conta que todos conseguem fazer ao subtrair o ano do seu nascimento ao ano da sua morte. Que coisa cruel! Ninguém devia partir com esta idade. O número que todos querem ver numa lápide é oitenta, oitenta e cinco, noventa, tanto quanto possível. Dezanove é cruel, é injusto!

Vou até à casa de banho e lavo a cara. Estou tão pálido que os meus olhos azuis já se confundem com a minha pele. Nem me digno a limpar a água que me escorre pelo pescoço.

Volto ao quarto e visto a primeira *t-shirt* e as primeiras calças que encontro. Não penso sequer na cor da roupa. Nunca liguei a isso, mas depois da morte do Cam começou a fazer-me ainda mais confusão. Como é que as pessoas têm sequer alento para escolher a cor da roupa? Eu mal tenho energia para trocar de calças, quanto mais para ver se estou a vestir preto ou não. E também sei que o Cam não se importaria com tal trivialidade.

Escovo os dentes num instante, resultado da apatia constante. De regresso à cozinha, apalpo o pão que deixei em cima da mesa ontem à noite. Não está assim tão duro e dou-lhe uma trinca, sentindo apenas o sabor fresco da pasta de dentes.

Desisto de acabar o pão, pouso-o no sítio onde já estava e calço as sapatilhas. Quando me levanto, o meu olhar recai no piano ao lado do sofá. O coração salta-me no peito, como se não tivesse a mesma visão todos os dias, ou pelo menos naqueles em que consigo reunir a energia necessária para sair da cama.

A verdade é que não sei porque ainda está aqui. Só me relembraria a mágoa que me habita, assim como as palavras de um Cam há muito desaparecido.

Ignoro-o e saio de casa, caminho pela estrada sem pensar nos carros que poderão surgir. Estamos em abril, mas o tempo já está tão quente como estava naquele verão.

O asfalto queima-me os pés através das sapatilhas de pano. As árvores criam uma brisa agradável e o sol está bem alto, deixando avisos de que o verão não tarda a aparecer.

Mas ainda assim, nada disso me anima.

Pé ante pé, deambulo até ao cemitério. Continua exageradamente verde, uma coisa que nunca comprehendi. Como podem trazer tanta cor para um sítio tão triste? Talvez seja de propósito, talvez o verde esteja lá para ajudar as pessoas a terem esperança. Afinal de contas, é isso mesmo que a cor representa, certo?

Aproximo-me das lápides que dão “vida” às campas, sem elas, estas seriam só pedras. Pedras sobre terra, sem nada nem ninguém por debaixo delas. As lápides relembram-nos das vidas que aqui ficarão para sempre.

Eu sei que eu próprio acabarei aqui. Agora ou daqui a vinte anos, quem sabe mais tarde. Mas não terei um Cam para chorar a minha morte, tal como eu choro a dele.

Avisto o nome que anseio trazer de volta à vida. Desta vez, não está sozinho. Há um corpo sobre a lápide que cobre parcialmente as letras cravadas na pedra. Um corpo moreno e coberto de cabelo escuro, comprido. Franzo o sobrolho e tento desvendar quem é esta pessoa que fala para o Cam.

Avanço com calma, espreito por entre os túmulos. Oiço a voz delicada que sussurra coisas ao meu melhor amigo. Pergunto-me quem ousa ter tanta intimidade com ele. Oiço também um leve riso. E aí estagno. Os meus olhos oscilam entre o granito, as ervas que crescem em redor da campa, e ela. O cabelo está mais escuro e não me lembra de ser tão baixa, mas reconheço-a. Como poderia esquecer?

Corro até à Fran, não lhe dando qualquer hipótese de fugir. No entanto, ela não me ouve, não ouve nada mais para além da sua voz. Das suas lágrimas. Vejo nela o que eu próprio sou. O resultado de um luto arrastado e desgastante.

Hesito. Inspiro fundo, absorvendo a coragem de que necessito para enfrentar quem não vejo há quatro anos, e pergunto:

— Fran?

Ela roda na minha direção. Eu sabia! O rosto é o mesmo e está coberto de máscara de pestanas. O que me faz lembrar da última vez em que a vi.

— Cyrus? — Faz menção de se aproximar, no entanto não há um músculo que se mexa. — És tu?

Assinto com a cabeça, confirmando. Ela limpa as lágrimas, liberta um pequeno sorriso, escondendo o choque com a maquilhagem esborrnatada. O meu interior reconhece a imagem e é como se o tempo não tivesse passado.

— O teu cabelo está mais escuro. Fica-te bem! — diz.

— O teu também — acrescento.

— O que fazes aqui? — questiona de forma crua.

— Eu... eu venho aqui todas as semanas — admito.

— Sim, eu sei. Mas não costumas vir aqui no seu aniversário.

— Como... como é que sabes isso? — pergunto, confuso.

— Nós deixámos de falar, Cyrus, mas eu nunca deixei de me importar contigo.

Baixo a cabeça, atentando na relva que já quer crescer por entre os meus pés. Ele está a ouvir tudo o que dizemos, penso. Ele vai ouvir tudo o que dissermos daqui para a frente, e vai saber tudo o que aconteceu. Mas, essencialmente, vai descobrir que eu e a Fran já não estamos juntos.

O suor instala-se nos dedos, nas palmas das mãos, na nuca e têmporas. Engulo a sensação de aperto, procurando afastar o pânico.

— Queres... ir a algum lado? — atiro.

Ela assente e roda sobre si mesma, preparando-se para guiar o caminho para fora do cemitério. No entanto, há algo que a faz permanecer estática. Quase sussurro o seu nome, porém trinco a língua a tempo, impedindo-me. Perdi o direito de a questionar quando me deixei afundar pela ausência do Cam.

— Não lhe queres dizer nada? — questiona de repente.

Olho-a, atónito. As suas feições não mudaram nada, embora ela já não seja a menina de dezanove anos que conheci. E que perdi. As sardas estão agora mais evidentes, com pouca maquilhagem sobre elas, é como se, entretanto, tivesse assumido tudo o que antes rejeitava em si mesma.

— Viste até aqui... não lhe vais dizer nada? — repete.

— Ah... deixa lá. Já lhe disse tudo o que tinha a dizer das últimas três vezes.

Na verdade, não lhe disse nada. Esta foi uma daquelas semanas em que só consegui olhar para ele. Para aquilo que resta dele.

Saímos do cemitério, em direção ao café onde parávamos sempre quando ainda éramos quatro.



— Vais visitá-lo muitas vezes?

Ela olha-me como já não me olhava há muito tempo. Com ternura. Ou pena. Convenço-me de que a segunda hipótese é a mais provável. Pelo menos foi com essa expressão que a deixei há quase quatro anos.

— Sim.

— Como é que... nunca te vi?

— Porque eu nunca quis que me visses, Cyrus. Fiz por te evitar. Ao início não foi fácil, estavas uma confusão. Ias todos os dias ao cemitério, e eu raramente conseguia arranjar um tempo para mim. Para estar com ele. Depois, ias quando calhava, ou assim parecia. Mas felizmente, acabaste por te tornar previsível, e a partir de uma certa altura, começaste a ir todas as terças, deixando todos os outros dias livres para mim.

Desvio o olhar. Ela sempre teve este poder, o de me intimidar. Ou o de me decifrar com rapidez. Perante a Fran, sinto-me despidão, como se não tivesse passado anos escondido entre várias camadas de roupa e tristeza.

— As terças eram o dia preferido do Cam... — digo, sem ter a certeza se quero que ela oiça.

— Eu sei.

Sorrio ligeiramente e não reconheço o movimento dos meus lábios. Já não sorria há algum tempo. Faz-me doer o rosto.

— Ele dizia que era o dia perfeito. Não era bem meio da semana. O fim de semana já acabara, mas ainda faltava para o próximo. Ninguém compreendia bem, mas ele dizia sempre que era um dia importante, porque...

— Porque não devíamos estar constantemente à espera do fim de semana — completa a Fran. — Qualquer dia é um bom dia para viver. Por isso, uma terça vulgar podia transformar-se no primeiro dia da nossa vida.

Perscruto-a. O maxilar contrai de forma tão subtil que poderia nem ter notado. E posso ainda estar mergulhado no luto, mas percebo agora uma coisa: ela também não o esqueceu. Ao que parece, eu é que me esqueci dela.

Não sei porque acho que sou o único a sofrer. A verdade é que nunca questionei se mais alguém ia ao cemitério. Não é uma coisa em que pensasse muito antes, mas agora assumo que, depois do funeral, as campas ficam sós. E a morte já traz uma solidão à qual se torna difícil fugir, ainda assim, presumo que as pessoas se esqueçam de visitar este sítio. Vejo sempre gente de volta das lápides de outras pessoas, mas nunca são as suficientes. Ou pelo menos, é o que a vozinha na minha cabeça me grita. Será que quem já foi merece que nos esqueçamos da sua existência?

Percebo agora o quão enganado estou. Não vejo as pessoas, porque não estou sempre lá. Certamente há quem ache que eu nunca visitei o Cam. Principalmente, porque a última coisa que lhe disse não foi das mais bonitas, para ser honesto.

— O que tens feito? — Sou interrompido e volto à realidade. O mundo ilusório dos meus pensamentos desconstrói-se. A Fran continua à minha frente, a garrafa de água na mão e o verde dos seus olhos pousado em mim.

Pensar no Cam desconecta-me do resto, concluo.

— Ah, nada de mais — respondo.

— Tens tocado piano? Lembro-me de como adoravas.

O meu maxilar contrai e sinto a água a formar-se nos cantos dos olhos. Inspiro fundo, aprisionando as lágrimas bem dentro de mim, dando-me tempo para me controlar.

Não, não tenho tocado! Não me aproximo do piano. Vê-lo revolta-me. Quero deitá-lo fora, gritar-lhe que desapareça de vez da minha vida!

Mas como é que digo o que está preso no meu peito? A respiração acalma e retoma o seu ritmo normal.

Não, Fran. A pessoa que tu conheceste já não existe. Eu tentei, acho eu. Fiz por isso. Por vezes ainda me sinto o Cyrus de antigamente. Mas a verdade é que não se pode esperar que depois de nos roubarem a pessoa mais importante da nossa vida, que continuemos os mesmos.

Nego com a cabeça. Acredito que é mais seguro responder com gestos. A Fran sempre foi boa a decifrar-me de qualquer forma.

— Hum... devias — diz, e de repente, algo na sua expressão se altera. As sardas escondem-se numa escuridão que nunca vi nela. — Eu... tenho de ir. Espero que fiques bem, Cyrus. — Deixa uma moeda na mesa para pagar a água que consumiu e sai. Ou, ao que me parece, foge.

Senti-lhe as lágrimas nas palavras. Talvez tenha ido embora porque queria chorar e não o queria fazer à minha frente.

Já eu, choro desalmadamente. Toco no meu rosto molhado e mantendo as mãos sobre os olhos.

O Cam nunca gostou de me ver chorar. “*Parece que tens um oceano nos olhos e isso faz-me sentir sufocado*”, dizia ele.

Pois bem, agora quem sufoca sou eu.

## 2

# PASSADO

O Cam e eu ríamos da minha figura, embora eu só tivesse um bocado de iogurte no meu tronco. Perdera uma aposta com ele e por isso, fui atacado com um dos iogurtes fora de prazo do frigorífico.

— Estás tão engraçado — dizia ele.

— Não tão engraçado como tu ao que parece. — Alcancei um frasco de especiarias na banca do meu lado esquerdo, abri-o e atirei-lhe o conteúdo. Tudo num curto espaço de tempo, não lhe dando qualquer hipótese de se desviar.

Agora eu ria-me dele.

— O que é que vocês estão a fazer? — questionou a Serena, entrando na divisão da casa que eu e a Fran partilhávamos.

— Nada, meu amor — respondeu o Cam, correndo até ela para a abraçar.

A Serena fugiu-lhe por entre os móveis, mas o Cam rapidamente a alcançou, enchendo-a de beijos. Aqueles dois conseguiam ser tão melosos.

— Cheiras mal. Afasta-te! — gritava ela, claramente a fingir. O sorriso nos seus lábios não enganava ninguém.

— Isso querias tu! — acrescentou o Cam, beijando-a mais um pouco.

— Ei, estou a ficar com ciúmes — comentei.

O Cam fez a vontade à namorada e afastou-se. Correu até mim, já com o biquinho nos lábios, pronto para distribuir mais uns beijos. Apercebendo-me do meu feito, desatei a correr imitando os movimentos da Serena.

— Sinceramente, às vezes eles é que parecem um casal de namorados — provocou a minha namorada Fran, quando emergiu do quarto.

A Serena concordou e riram as duas. Eu e o Cam continuávamos cheios de iogurte e especiarias, mas não deixámos de correr atrás um do outro. Isto até ele me encurralar numa esquina. Esticou a língua na minha direção

e lambeu-me a bochecha. Em reflexo, empurrei-o e limpei a sua saliva da minha cara.

— És nojento! — disse-lhe.

— Mas tu gostas — respondeu, piscando-me o olho de seguida.

# 3

## PRESENTE

O lho para o prazo de validade do iogurte. Um mês, já devia ter sido comido há um mês, mas eu... estou inerte, apático. Inspiro e faço força para segurar as lágrimas. Tudo em vão, as lágrimas escorrem-me pelas mesmas bochechas que um dia ele lambeu na brincadeira.

As memórias do Cam não são agradáveis. Não consigo recordá-las com carinho, porque não consigo deixar de sentir o vazio horrível que a ausência dele deixou.

Nem a tarefa de comer um iogurte é simples para mim. Viver tornou-se doloroso.

Guardo a colher em que pegara e coloco o iogurte de volta no frigorífico, onde ficará mais umas semanas a acumular o prazo de validade incumprido.

Hoje devia tomar um banho. Mais uma das coisas que tenho de me obrigar a fazer. Deveria ser simples, orgânico. Mas não é.

Deixei de procurar emprego. Ainda tentei no primeiro ano, mas agora parece só mais uma obrigação à qual não sei se conseguirei corresponder.

Observo o branco-sujo das paredes, tenho consciência de que não me pertencem. Não são as mesmas que nos viram juntos, a mim e à Fran. Mais tarde, ao Cam e à Serena. Não conseguiria permanecer num sítio que me traz tantas memórias, tanto boas como más. Quem me ajuda agora é a minha mãe, a única pessoa que não exige nada de mim. Não que eu conviva com muita mais gente. A única pessoa com quem costumo falar é a funcionária do café aqui do lado. Layla é o nome dela.

Quando lá vou, na esperança de que um café me traga um pouco mais de energia do que a que normalmente tenho, ela pergunta-me como estou. Ou se quero mais alguma coisa. Já pensei em convidá-la para tomar um café num outro local qualquer que não o seu trabalho, mas nunca chego a pronunciar as palavras.

Não quero arrastá-la para a confusão que é a minha vida. Por isso, limito-me a beber o café e a retribuir o sorriso que ela tão graciosamente me oferece.

No banho esfrego-me com força, com vontade de apagar as mágoas. De apagar esta versão do Cyrus que se instalou em mim. Mas não resulta. Se ao menos fosse assim tão simples...

Mas seria eu capaz de o esquecer? Será que é isso que eu quero?

Quando desligo a água e enrolo a toalha na cintura, no meu corpo magro encolhido, o telemóvel faz um som que não oiço há muito tempo. Recebo uma mensagem.

Apresso-me a ver de quem é. Não poderá ser a minha mãe, ela recusa-se a enviar mensagens. Prefere ligar, diz sempre ser mais prático.

Surpreendo-me quando não reconheço o número, mas identifico o conteúdo.

*“Ele não gostaria de te ver assim. Encontra-te comigo amanhã às 14h, no parque.”*

Não está assinada, mas sei que é da Fran. Também sei a que parque se refere, e não acho que esteja pronto para dar esse passo.



O pavimento está húmido, embora não tenha chovido. Passa-me um pensamento algo poético pela cabeça, de como esta humidade é resultado das lágrimas que, tanto eu como a Fran libertámos. Sacudo a ideia, porque não há nada de poético na morte ou na tristeza que ela causa.

A cor do asfalto continua a mesma. Aliás, nada mudou neste sítio, e os carros continuam a estacionar entre as linhas limitadoras. Não sei porque esperei mudança, não é como se o mundo deixasse de girar porque o Cam deixou de respirar. Sinto o meu estômago às voltas, o gelo instala-se, cristalizando o seu conteúdo e os meus punhos cerram-se, espetando as unhas na carne.

Porque é que a Fran me fez vir aqui? E porque é que eu não soube dizer que não?

Não é fácil regressar ao local onde tudo aconteceu. Onde eu não chegou a tempo.

Naquela noite, depois de desligar a chamada, corri. Corri como nunca tinha corrido. Mas não corri o suficiente, pois quando aqui cheguei já ele se preparava para entrar sem vida na ambulância, o pano branco a fugir-lhe do cabelo preto.

Não estou a chorar. Esforço-me por manter a compostura, isto porque não quero assustar quem passa por mim. Não quero ser novamente o miúdo estranho que chora num parque de estacionamento.

No entanto, quando a Fran se aproxima e coloca a mão no meu ombro, cedo ao pranto. E ela cede comigo.

Ali ficamos, num momento, parados no tempo, numa realidade à qual mais ninguém tem acesso para além de nós. E sinto-me de volta à nossa relação. Nos braços dela, reencontro o Cyrus que se perdeu há quase quatro anos.

— Temos de nos recompor, Cyrus — diz após uns minutos.

Seco as lágrimas com as costas da mão.

— Como? — indago.

— É possível! Eu consegui, e tu também vais conseguir.

— Eu já tentei, Fran. Não resultou. Não fui capaz. Só consigo destruir tudo ao meu redor, sem nunca dar a volta por cima.

— Cyrus... — Ela agarra-me os ombros. — Nada disto foi culpa tua. Não te podes martirizar assim tanto. Precisas de te perdoar.

Encaro-a, cruzando o azul dos meus olhos com o verde dos seus.

— Ele morreu a achar que eu o odiava.

— Não digas isso, não é verdade. Ele sabia que o amavas.

— Não estavas lá, Fran. Não sabes o que lhe disse.

— Mas sei...

Franzo o sobrolho, premindo os lábios. Não estou a perceber.

— Como?

— Tu esqueces-te que o Cam também era o meu melhor amigo. Nós falávamos sobre tudo, Cyrus.

Pouso os meus olhos nos dela, como se tudo aquilo fosse uma novidade. Não é. Sinto-me a sair do buraco onde me meti e a luz do sol começa a mostrar-me o que não consegui ver até agora.

— Ele amava-te, e sabia que era recíproco — assegura-me.

Puxo-a e envolvemo-nos num enlace. Reconheço a falta que senti dos seus braços ao meu redor, do seu cheiro refrescante e sensual, do formigueiro que despontava, — e ao que parece isso não mudou.

No entanto, não consigo ignorar que continuo neste local. Ainda nos braços da Fran, olho em volta, absorvendo o cinzento do chão, questionando como é que um céu tão limpo o deixou morrer, como é que com tantos carros ninguém o viu... Como é que foi a sua última noite.

À medida que a ambulância se afastava, e os meus olhos esgotavam as últimas lágrimas cheias de angústia, com os soluços desesperados da Fran no meu peito, eu desejava que fosse eu no lugar do Cam. Que nada daquilo

fosse verdade. Que aquele não fosse o último local onde ele respirara. E que a nossa última conversa não tivesse sido tão cruel.

A primeira coisa que me passou pela cabeça quando regressei a casa, ainda com a minha namorada nos braços, foi no que ele sentira naquele último segundo de vida, quando deu o suspiro final e apagou para sempre. Porque no funeral o seu rosto estava tão sereno. Nem parecia o Cam, o que estava sempre a sorrir, pronto para viver mais momentos icónicos com quem quer que quisesse vivê-los com ele. Como é que o semblante de alguém com tanta vida podia murchar tanto na hora da morte?

Nunca mais pude esquecer aquela expressão. Como os seus lábios relaxaram, por fim, como os seus olhos se mantiveram fechados, mesmo quando eu pedia desesperadamente que se voltasse a abrir. As suas tatuagens, muitas delas iguais às minhas, preparavam-se para desvanecer com a sua pele. Ele não só parecia mais magro, como o estava. Os seus últimos dias não foram os mais fáceis, e eu não estive lá para o apoiar.

Daí estar neste humilde parque de estacionamento, com uma amostra de plantas — que não sabem muito bem o que estão aqui a fazer. — E a loja em frente repleta de mobília nova e cara a inaugurar o espaço exíguo.

É triste pensar que foi aqui que ele morreu. Esta visão que eu tenho agora, tão comum e desprezível, foi a última coisa que ele viu. Se calhar chamou por alguém, porém, a sua voz desvaneceu, tal como as suas tatuagens um dia irão. As substâncias no seu organismo já o haviam arruinado há muito tempo.

# 4

## PASSADO

**A**cabara de me sentar numa espreguiçadeira em frente à piscina do Cam, quando ele correu na minha direção e se sentou no meu colo.

— Olha, eu queria apanhar sol! — disse.

— Não precisas disso. — Fez-me biquinho, como quem pede um beijo. Ri e coloquei a mão na sua boca.

— Anda lá. Daqui a pouco quero dar um mergulho.

— Está bem. Mas depois vamos buscar uns hambúrgueres.

Sorri. O Cam não era surpreendente nas suas rotinas. Os hambúrgueres eram uma constante nas nossas vidas, assim como as danças, os mergulhos na piscina, as músicas gritadas em plena rua movimentada. Mas eu não me queixava. Compreendia-o melhor que ninguém.

De repente, uns gritos despertaram-nos do intenso contacto visual que nos unia, e tanto a Serena como a Fran apareceram em biquíni, e saltaram para a água de forma explosiva.

O Cam levantou-se finalmente, rindo. Tirou o telemóvel do bolso das calças de fato de treino, entregando-mo para a mão e atirou-se assim mesmo, com toda a indumentária ainda colada ao corpo, para junto das raparigas.

— Tu és tão parvo! — exclamou a Serena.

Ele apenas riu na sua direção, como se a vida fosse uma piada infinita. Na realidade, era. Com o Cam, a vida era mesmo uma constante alegria.

Pousei os telemóveis que ainda segurava, tirei o boné oferecido pela minha mãe e segui o exemplo dos meus melhores amigos.

Atirámos água uns aos outros, fizemos competições para ver quem nadava mais ou quem aguentava mais tempo debaixo de água. Gravámos vídeos aleatórios como era costume no nosso grupo.

Acho que gostávamos de documentar tudo, para mais tarde podermos recordar.

Umas horas depois, empanturrávamo-nos com os hambúrgueres que eu prometera ao Cam.

— Não há nada como um bom hambúrguer — dizia ele.

— Consigo lembrar-me de coisas melhores.

O Cam olhou para a Serena e esboçou mais um sorriso, desta vez mais imoral. Trocaram olhares desafiadores e talvez demasiado íntimos para o contexto onde estavam.

— Pronto, vá, chega! Há mais pessoas na sala — brinquei.

— Há que chegue para ti, Cyrus — alinhou a Serena.

— Ei, então!?

— Calma Fran, estou a falar do Cam. Sabes como é que eles são. — Reviu os olhos e a Fran relaxou, embora ela própria soubesse ao que a Serena se referia.

Admito, a nossa relação era diferente. O Cam não era apenas amigo. Era a minha metade. Nem sempre uma alma gémea precisa de o ser numa relação romântica. Eu e o Cam éramos assim.

Tornava-se fácil falar das coisas difíceis, como quando a minha mãe se mudou. Foi ele quem me fez ver que, enquanto filho, não podia exigir que ela estivesse sempre lá para mim. Tal como foi para mim que se virou da última vez que ingeriu substâncias mais perigosas. Encorajei-o a recomeçar a jornada de volta à sobriedade.

Era como se fôssemos duas partes de um todo, que não sobrevivia se separado. Como a noite e o dia. O frio e o calor. O bem e o mal.

— Ei, pessoal — começou ele, como se não fosse parte do tema do momento. — Os *Chase Atlantic* vêm cá dar um concerto. Vi no outro dia nas redes sociais. Nós vamos, não é?

O entusiasmo entre nós cresceu. Foi um “sim” imediato e unânime. Essa era a banda favorita do nosso grupo. Costumávamos pôr os álbuns em reprodução automática durante horas enquanto fazíamos outras coisas. Enviávamos letras de músicas uns aos outros no nosso *chat* de grupo. Aquele seria o concerto das nossas vidas.

Ou assim achávamos.

## 5

## PRESENTE

**C**onvidei a Fran para vir tomar café ao meu apartamento, mas só quando chamei o elevador é que me lembrei que nunca recebera ninguém nesta casa e que provavelmente não estava em condições de ser vista por outra pessoa. Por outro lado, é a Fran e ela, melhor do que ninguém, sabe pelo que estou a passar. E entende.

Abro a porta da frente e somos logo confrontados pelo piano. Um gosto amargo instala-se na minha língua.

— Não o deitaste fora.

— Não. — Expiro um ar indesejado. — Não sabia o que fazer com ele — admito.

Ela encara-me. Os seus olhos verdes estão mais brilhantes, apesar de não parecer querer chorar. Penso nas vezes em que já deve ter retraído as lágrimas e no quão perita se tornou, entretanto, a esconder as suas emoções. A ideia corrói-me. Não fui eu quem a colocou nesta posição, mas também não a ajudei de forma nenhuma.

Baixo a cabeça, procurando esconder o que os meus olhos têm o poder de desvendar.

— Ele ficaria feliz por saber que ainda o tens.

— Pois, não sei...

— Sei eu. Aliás, podia jurar que ele está agora mesmo a ver-nos e a sorrir imenso, como costumava fazer.

Levanto a cabeça, cruzando os nossos olhares. Volto ao Cyrus que fui, o mesmo que deixou que ela se afastasse. O que nunca acreditou que a redenção fosse possível.

— Podes mesmo? — lanço, o tom umas oitavas abaixo do normal.

— O quê?

— Jurar.

— Cyrus... ele ouve-nos. Acredito nisso.

— Já tive mais certezas disso.

Dirijo-me ao frigorífico e tiro de lá uma garrafa de água, que depois ofereço à Fran. Ela aceita-a, ignorando o facto de não ser o café que lhe prometi. Deve ter pressuposto que eu nem café tenho em casa. Essa é a razão pela qual vou ao estabelecimento da Layla.

— Porque duvidas?

— Porque não sei se era isso que ele queria. Nós deixámos que ele se fosse, Fran. Não fizemos nada para o ajudar. Nenhum de nós.

— Não é bem assim. Fartámo-nos de tentar. E nós não sabíamos que tinha chegado àquele ponto, Cyrus...

— Sabíamos Fran. Não havia como não prever este resultado. — Começo a ficar irritado e algo frustrado também. Esta foi a parte da qual nunca falámos abertamente. Talvez esse tenha sido o problema, escondemos a realidade de nós próprios. Afundámo-nos em crenças irrealistas e ignorámos o sofrimento do nosso amigo, porque, no final, ele sucumbiu e nós não fomos capazes de o salvar.

— Cyrus... chegámos a falar disto na altura. O que passou, passou. Não há nada que possamos fazer agora. E viver com culpa só nos vai destruir.

— Estás tranquila então? — Endireito a cabeça, a rigidez visível. — Porque eu não. Eu deixei o Cam morrer! — digo um pouco mais alto do que espero.

A Fran estremece, mas não recua como em tempos fez. Já não a assusto e isso conforta-me pelo menos.

— Eu também estava lá, Cyrus. E a Serena também. Porra, até o Rowen. Não eras o único. Éramos todos amigos. Que eu saiba, o Cam não escreveu nenhuma carta para ti a dizer que a culpa era tua. Simplesmente aconteceu. Nem o próprio Cam podia prever este desfecho.

— Ele não estava em condições de prever o que quer que fosse. Mas nós... nós limitámo-nos a observar. Falar já não era suficiente e nós não soubemos fazer mais.

— Não! Chega! Eu não volto a isto. Queres ter pena de ti próprio? Força! Eu não fui disto há quatro anos para agora voltar! — Pega na bolsa que, entretanto, pousara no sofá. — Pensei que tivesses mudado. E queria mesmo ajudar-te. — O verde das íris escurece, e diz tudo o que lhe vai na mente antes das palavras saírem da boca. — Mas não posso ajudar alguém que preferia ter morrido com o Cam.

Sai e não volta atrás. Não me olha uma última vez, nem sequer olha para o

piano. Aquele onde nos sentámos os dois tantas vezes, o mesmo onde toquei para o Cam pela última vez.

Estou sozinho de novo.



No dia seguinte, visto-me sem tomar banho e não como nem lavo os dentes. É como se a apatia fizesse parte do meu ADN. Calço os ténis, forçando-me a não olhar para o piano, e saio a correr. Não corro por gosto, muito menos porque quero ser mais saudável. Corro porque quero chegar mais rápido ao destino com o qual sonhei.

E assim é. Dez minutos depois, estou a parar em frente à casa dele. Absorvo a entrada, onde tantas vezes nos sentámos a fumar. Atento nas paredes brancas, as mesmas que me trazem as memórias que não me consigo obrigar a esquecer ou apagar. A imponência que um espaço relativamente pequeno consegue envergar em mim, arrepio-me.

Dói demasiado pensar que não é aqui que ele está.

Subo as escadas em frente à porta castanho-escura e, antes que possa pensar no que estou a fazer, dou por mim a bater na madeira. Arrependo-me de imediato e viro costas à espera que ninguém tenha ouvido o meu momento de fraqueza. Rezo aos céus que nem ele tenha visto o que acabei de fazer. Porém, sou demasiado lento.

Uma voz surge nas minhas costas.

— Sim?

Levanto a cabeça, ingerindo o timbre que me parece familiar. A doçura na sua voz, a estridência que em tempos fora uma constante. Rodo na direção da porta que ainda agora ignorei. O meu coração salta um batimento quando vejo quem está diante de mim.

— Serena?

— Cyrus!? Nem pareces tu!

Aproximo-me com cautela. O receio instala-se nos meus pés. Convenço-os de que não há perigo. É apenas a minha amiga.

— Eu... — Apercebo-me do que ela quer dizer com aquilo e toco no meu cabelo escuro, como a minha alma, e exibo um sorriso perdido. — Pois, achei que estava na hora de voltar às minhas raízes.

— Fica-te bem — diz, receosa.

Penso em comentar que a reação da Fran foi a mesma, mas não sei se quero que ela saiba que estivemos juntos. Sem ela.

— Como... como estás? — pergunto.

A Serena solta o ar que eu próprio julgo ter aprisionado em mim. Avança, encostando a porta atrás de si. Os movimentos são contidos, como se a mínima brusquidão fosse suficiente para a quebrar. Como é que não consegui ver que estávamos todos no mesmo estado?

— O que é que fazes aqui, Cyrus?

— Eu... eu queria... — Quero falar, mas as palavras não saem. Talvez por não saber ao certo o que faço nesta casa. As minhas pernas é que me trouxeram. Por momentos, parecia só mais um dia na minha vida anterior e talvez esperasse encontrá-lo quando aqui chegassem. Os sonhos, por vezes, toldam-nos a percepção da realidade.

— Tu sabes que ele já não está aqui. A sua casa agora é outra. Há já quatro anos Cy... — A severidade atinge-me.

Baixo a cabeça, consciente de que essa é a verdade e, ainda assim, corrói-me um pouco mais de cada vez que essa realidade é pronunciada em voz alta. Eu tento evitá-lo ao máximo.

— Acho que, por vezes, ainda desejo que nada tenha mudado — admito, influenciado pela luz matinal.

A Serena combate as lágrimas. São quase quatro anos. Quatro anos sem ele, mas nada mudou. Continuamos os mesmos miúdos, assombrados pelo desaparecimento da pessoa mais importante das nossas vidas.

— Talvez seja melhor ires embora.

Assinto. A última coisa que quero é relembrá-la do que perdeu, embora me pareça difícil naquela casa.

Dou meia-volta e saio tal como vim, a correr.



Quinze minutos depois, abro a porta do meu apartamento já com o telemóvel na mão. A mensagem é enviada e vista com a mesma rapidez.

Não posso guardar isto para mim. A minha vida parou naquele início de verão e apesar de querer pensar que sim, nada permaneceu igual.

Encontro-me de novo com a Fran no nosso café. Ela olha-me desconfiada durante uns bons cinco minutos antes de começar a falar.

— Não me estás a enganar?

— Não, Fran. Ouve, desculpa por ontem. Eu admito que ainda sinto dificuldade em fazer as coisas. Muitas coisas, na verdade. Mas eu não te mentiria sobre isto. Era mesmo a Serena.

— Falaste com ela?

— Muito pouco. Ela não parecia querer-me ali. — Uma pontada no peito.

— Podes culpá-la?

— Eu sei que não. — Faço uma pausa, absorvendo a brisa leve de abril. — Não me lembro de lhe ter prestado atenção, na verdade. Na altura — acrescento, receando que as palavras não soem como as imagino. — Não tenho sequer noção da dimensão do sofrimento dela, porque me concentrei apenas na minha própria dor.

— Hum, é bom que tenhas essa noção. A Serena não foi a única que negligenciaste. — Bebe um gole da água que pediu. — Mas admito que eu própria não prestei muita atenção.

Solto um riso fraco, quase penoso.

— Desperdiçámos o nosso tempo com discussões.

A Fran não diz nada. Denoto-a algo incomodada com o meu novo à vontade em partilhar informações. Eu também me sinto culpado por nunca ter procurado a Serena. O Cam não estaria orgulhoso de nenhum de nós.

Aquele dia não só levou a vida dele, mas levou a nossa também.

